

REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS: RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO, SOB O OLHAR DA IDENTIFICAÇÃO¹

SOCIOCULTURAL REPRESENTATIONS: RELATIONS BETWEEN GENDER AND HIGH SKILLS/ GIFTEDNESS, UNDER THE LOOK OF IDENTIFICATION

RENATA GOMES CAMARGO², SORAIA NAPOLEÃO FREITAS³ E
SHEILA TORMA DA SILVEIRA⁴

Recebido em: 15/04/2011

Aprovado em: 08/09/2012

RESUMO

Pela atuação e participação em um projeto de pesquisa, vinculado à Universidade Federal de Santa Maria, que visa identificar e orientar alunos com indicadores de altas habilidades/superdotação, obtivemos dados nos quais buscamos os subsídios para a elaboração deste artigo, que tem por embasamento metodológico a pesquisa qualitativa. Sendo assim, partimos de reflexões teóricas sobre altas habilidades/superdotação e gênero para apresentar, neste artigo, uma discussão sobre as concepções destas temáticas entre professores envolvidos em dois processos de identificação de alunos com indicadores de altas habilidades/superdotação, realizada pela equipe executora do referido projeto. Um dos processos foi no ano de 2008 e o outro no ano de 2009. Demonstramos que as representações socioculturais sobre gênero, apresentadas pelos professores, podem gerar equívocos na identificação destes alunos. Esta discussão reflexiva remete-nos a outra: a importância da educação especial atuar em consonância com o paradigma educacional da inclusão, que prevê a valorização da diversidade, pois essa valorização concede respaldo para a realização desta ação quanto às altas habilidades/superdotação e gênero.

Palavras-chave: Gênero; Altas habilidades/superdotação; Representações socioculturais.

ABSTRACT

In data obtained by the performance and participation in a research project, linked to a Universidade Federal de Santa Maria, which aims to identify and guide students with characteristics of high ability/giftedness, is where we seek subsidies for development this article, which has a methodological basis for qualitative research. Thus, we begin with theoretical reflections on high ability/giftedness and gender to submit this article, a discussion of the concepts on these themes of the teachers involved in two cases of identification of students with characteristics of high ability/gifted, conducted by the team performing the this project, one in 2008 and another in 2009, which demonstrated that the socio-cultural representations of gender presented by teachers, can create misunderstandings in identifying these students. This reflective discussion leads us to another: the importance of special education act in line with the educational paradigm of inclusion, which provides for the acceptance of diversity, because in this paradigm find support to carry out this action as to the high ability/giftedness and gender.

Keywords: Gender; High Ability/Giftedness; Sociocultural Representations.

¹ Artigo originalmente publicado nos anais da XVIII Jornada de Jovens Investigadores Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM) "La investigación científica: eje del Bicentenario de La Independencia Latinoamericana, realizada nos dias 19 a 21 de outubro de 2010, na Universidad Nacional del Litoral, em Santa Fé/Argentina.

² Educadora Especial na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil. Mestranda em Educação na UFSM. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social – GPESP. E-mail: re_kmargo@hotmail.com.

³ Professora Dra. do Departamento de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social – GPESP. E-mail: soraiantfreitas@yahoo.com.br.

⁴ Especialista em Altas Habilidades/Superdotação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), Brasil. Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestranda em Educação na Universidade federal de Santa Maria (UFSM). Professora titular – Secretária Municipal de Educação de Porto Alegre.

1 Altas Habilidades/Superdotação: Reflexões Iniciais

A educação é uma área de conhecimento das Ciências Humanas. Por ser uma área multidimensional e complexa e constituir o foco desta pesquisa, faz-se necessário estabelecer critérios para efetivação da investigação que se pretende desenvolver.

Sendo assim, este artigo contempla a reflexão sobre a atuação em uma modalidade educacional específica, a Educação Especial, que possui princípios para sua prática, bem como um público-alvo bem definido nos documentos vigentes na atualidade em nosso país.

Nesse sentido, com base na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, percebemos que estão incluídos como parte do alunado da Educação Especial os alunos com altas habilidades/superdotação. Além disso, e o princípio norteador da atuação do Educador Especial é a preocupação com o respeito e a valorização da diversidade humana (BRASIL, 2008). Esses alunos podem ser definidos como aqueles que

[...] demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2008, p. 9).

Com base nesses aspectos, surgiu a motivação em elaborar uma problematização sobre as singularidades que precisam ser consideradas na educação, mesmo considerando-se um grupo específico de pessoas, neste caso aquelas com altas habilidades/superdotação. Assim, tendo como subsídios dados obtidos no projeto de pesquisa “Da identificação à orientação de sujeitos com características de altas habilidades/superdotação”, vinculado à Universidade

Federal de Santa Maria (UFSM), pretendemos desenvolver uma discussão sobre as representações socioculturais presentes em falas de professores que participaram do referido projeto em 2010 sobre alunos com características de altas habilidades/superdotação, analisando as percepções relativas ao gênero.

O referido projeto de pesquisa tem como objetivo identificar alunos com características de altas habilidades pertencentes às séries iniciais do Ensino Fundamental da rede Pública e Privada de Santa Maria, RS, a fim de encaminhá-los para um programa de enriquecimento escolar. Esse trabalho é realizado por acadêmicos, a maioria pertencente ao curso de Educação Especial da UFSM, uma vez que estão tendo a sua formação para atuarem nesta modalidade, que tem por foco de estudo e atuação, dentre outros, o atendimento aos alunos com altas habilidades/superdotação.

O desenvolvimento das ações do projeto acontece de forma processual, portanto, em etapas. Na época da coleta de dados para este artigo, a primeira fase consistia em oportunizar discussões informativas sobre altas habilidades/superdotação, incentivando a conscientização da comunidade escolar quanto à relevância da temática. Nessa fase, os professores das séries iniciais da escola onde a pesquisa estava sendo desenvolvida recebiam um guia de observação com vinte e cinco itens (GUENTHER, 2000), contemplando características, traços, atributos gerais e algumas noções específicas a respeito da capacidade e produção em uma ou várias áreas do conhecimento destes alunos. Esses professores eram, então, convidados a indicar nomes de dois alunos que se mais se enquadrassem na descrição feita em cada item.

Após essa fase, a equipe executora do projeto analisava as respostas contidas no guia e, a partir disso, indicava alguns alunos que podiam ter

características de altas habilidades/superdotação. Para qualificação da nossa apreciação, fizemos uma entrevista com os professores da série atual, bem como da série anterior destes alunos.

Essa entrevista é organizada por pautas e, segundo Gil (2006, p. 120), “apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo do seu curso”. Podemos, também, chamar esse tipo de entrevista de semiestruturada, uma vez que temos disponíveis pontos relevantes sobre os quais precisamos conversar com o entrevistado.

No momento da entrevista, temos a oportunidade de conhecer melhor estes alunos pelas falas dos professores que nos apontam as mais variadas considerações a respeito deles. Isso é impulsionado pelos questionamentos que visam coletar o maior número de informações possíveis, permitindo que os professores também possam expor outros aspectos que considerem relevantes.

Ao longo da participação em muitos processos de identificação de alunos com altas habilidades/superdotação, através de um olhar crítico e sensível sobre as falas dos professores, passamos a perceber a influência de representações socioculturais referentes a gênero na formação de seus conceitos e de suas percepções. Em tais conceitos e percepções, conseguimos visualizar as diferenças de abordagem dos professores para a identificação de alunos com características de altas habilidade/superdotação caso se tratasse de indivíduos do gênero masculino ou feminino.

Assim, pelos indicadores de qualidade deste projeto, que são referentes às relações entre escola e o projeto; projeto e professores regentes; professores regentes e seus alunos; e alunos e projeto, pois esses se constituem como elementos fundamentais para a efetivação dos objetivos deste, acreditamos ser de extrema importância questionar e pensar as questões implícitas neste

processo, já que, como dito anteriormente trabalhamos com a valorização da diversidade. Além disso, quando nos propomos a discutir sobre gênero e altas habilidades/superdotação, apresentou-se o desafio de pensar alternativas para tentar amenizar os reflexos negativos causados pelas representações socioculturais sobre a identificação desses alunos.

2 Delineando alguns caminhos para a discussão proposta

Considerando que o projeto existe há oito anos, teríamos muito material para analisar. Assim, optamos por dados referentes a dois anos, 2008 e 2009, que passaram, também, por outros critérios de seleção do material de análise, que serão descritos posteriormente.

Ressaltamos, ainda, que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2009. Esse projeto tem como objetivo geral a identificação de alunos com características de altas habilidades/superdotação nas séries iniciais do Ensino Fundamental de qualquer escola da cidade de Santa Maria (anteriormente, o objetivo voltava-se especificamente para a realização da identificação em escolas públicas). Porém, como o projeto nos anos selecionados ocorreu apenas em escolas públicas, os dados utilizados neste artigo resultaram do trabalho nesse tipo de escola.

O eixo metodológico previsto para este artigo é a pesquisa qualitativa, pois esse tipo de investigação propõe o estudo do fenômeno em seu ambiente natural, considerando a multiplicidade de componentes presentes que interagem e que se influenciam mutuamente. Bogdan e Biklen (1994) afirmam que a investigação qualitativa é descritiva e/ou explicativa e caracteriza-se pela riqueza de descrições/explicações originárias dos dados recolhidos no trabalho de campo, incluindo, por exemplo, transcrição de entrevistas, registro de

campo, vídeos e documentos.

Como já elucidado, o projeto acontece em etapas, que obedecem a um ordenamento de acontecimentos e, neste artigo, nos deteremos à fase em que realizamos entrevistas com os professores sobre os alunos indicados por eles, os quais foram pré-selecionados pela análise do guia realizada pela equipe executora do projeto.

A realização dessas entrevistas tem o intuito de levantar dados sobre a história de vida escolar dos alunos previamente indicados pelos professores. São entrevistas semiestruturadas com os professores das séries atuais e anteriores dos alunos indicados. Foram elaboradas pela equipe executora do projeto, tendo como embasamento o referencial teórico utilizado nesta pesquisa.

Sendo assim, selecionamos alguns trechos de entrevistas, que consideramos importantes quanto ao aspecto das representações socioculturais sobre gênero e altas habilidades/superdotação, para discutir e refletir neste artigo. Utilizamos, ainda como critério de seleção o número de duas entrevistas por ano executadas em escolas diferentes, bem como aquelas realizadas com alunos que estariam cursando a série correspondente ao 4º ano do Ensino Fundamental.

A seguir, transcrevemos trechos das falas dos professores sobre seus alunos, visando proporcionar a visualização dos dados selecionados para análise neste artigo e, conseqüentemente, um melhor entendimento das considerações que faremos a seu respeito.

3 Subsídios teóricos e percepções sobre as representações socioculturais relativas ao tema altas habilidades/superdotação e gênero

Quando falamos em altas habilidades/superdotação, não podemos deixar de abordar questões como: o conceito de inteligência, as relações com o meio social e o próprio conceito de altas habilidades/superdotação. No que

se refere à discussão proposta neste artigo – relação entre altas habilidades/superdotação e gênero –, tivemos, no entanto, dificuldade em encontrar as referências teóricas necessárias para seu desenvolvimento, porque poucos estudos abordam as referidas temáticas de forma conjunta.

Segundo a Teoria dos Três Anéis de Superdotação, proposta por Renzulli (2004), sujeitos com altas habilidades/superdotação são aqueles que apresentam em seu comportamento uma interação entre três grupamentos básicos dos seguintes traços humanos: habilidades gerais ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade. Esse pesquisador ainda nos coloca que, juntamente com tais características, encontramos a inferência do ambiente e de fatores de personalidade (RENZULLI, 2004).

Isso nos leva à reflexão sobre a abrangência de especificidades das altas habilidades/superdotação possíveis de serem assumidas, dando margem para que se formem muitas representações socioculturais. Dentre outros fatores, no que tange à elaboração singular da representação, quanto ao que pensar sobre a afirmação “este é um sujeito com altas habilidades/superdotação”, geralmente entendida com base na homogeneidade, logo dispensando questões mais relacionadas à individualidade da pessoa com esta característica. Nesse sentido, acreditamos que as particularidades de alunos com altas habilidades/superdotação precisam ser reconhecidas e, também, percebidas com flexibilidade, já que cada um apresenta um perfil diferenciado de pensar, aprender, agir e desenvolver seu potencial.

Entretanto, há um elenco de características a serem consideradas, tais como: curiosidade e vivacidade mental; motivação interna; persistência na área de seu talento; facilidade de compreensão e percepção da realidade; capacidade de resolver problemas; energia; habili-

dade em assumir riscos; sensibilidade; pensamento original e divergente; e conduta criativa. Nem todos apresentam as mesmas características, visto que elas podem variar quanto ao grau de intensidade e quanto à sistematização de seus comportamentos (BRASIL, 1995).

Falar em altas habilidades/superdotação também nos remete a refletir sobre o que entendemos por inteligência humana. Para tanto, encontramos subsídios nos estudos do psicólogo Howard Gardner, pois sua visão pluralista da mente auxilia-nos a desenvolver uma compreensão mais flexível que valoriza a inteligência singular de cada pessoa, relacionada ao comportamento e à criatividade dos alunos com características de altas habilidades/superdotação. Gardner (1995), em sua teoria das Inteligências Múltiplas, descreve que a inteligência envolve a capacidade de resolver problemas ou formá-los, assim como elaborar produtos que sejam importantes para um ambiente ou uma cultura. Apresenta oito tipos de inteligências diferenciadas: Linguística (verbal), Lógico-matemática, Espacial, Cines-tésico-corporal, Musical, Interpessoal, Intrapessoal e Naturalista. Estas podem manifestar-se em níveis de intensidade diferentes de um indivíduo para o outro.

Os referidos produtos culturais, por exemplo, uma obra artística como um quadro ou escultura, podem transmitir o conhecimento ou expressar as opiniões e os sentimentos e/ou trazer a resolução de problemas, objetivados de acordo à área ou ao tipo de inteligência com o qual estão mais relacionados, que pode ser desde teorias científicas até composições musicais. Isso é reforçado em sua obra “Inteligência: um conceito reformulado”, na qual Gardner (2000) conceitua a inteligência como sendo um potencial biopsicológico para processar informações que podem ou não ser ativadas no cenário cultural, solucionando problemas ou criando novos produtos valorizados em uma cultura.

Portanto, para o pesquisador

americano, a inteligência é um potencial que soluciona questões relacionadas ao social, ao cotidiano das pessoas, e por isso, pode vir a sofrer a influência das representações socioculturais do meio no qual o sujeito está inserido. Tal fato pode ter inferências no reconhecimento de que determinado sujeito tem uma capacidade acima da média, dependendo de como suas ações e/ou produções são vistas em determinado meio social.

Percebendo a variedade de fatores que influenciam a caracterização de uma pessoa com altas habilidades/superdotação, bem como a abrangência de especificidades que a inteligência humana pode assumir, permeada pelos reflexos da sociedade, somos instigados a refletir sobre as inúmeras representações que podem ser inferidas quando discutimos, reconhecemos e identificamos estas pessoas, dentre estas, as representações sobre gênero. Quando formamos uma representação, podemos estar intencionados a separar o individual do social, mas, na maioria das vezes, fracassamos, já que as representações individuais podem não conseguir reprimir as representações coletivas, ou seja, a representação social pode ser entendida como algo que parte de aspectos culturalmente estabelecidos, pois compreende dimensões que se interligam através de significações partilhadas no contexto social no qual estamos inseridos.

Falamos em representações socioculturais porque temos o entendimento de que, parafraseando Hall (1997), a cultura na sociedade envolve um compartilhamento de significados que orientam e, por vezes, determinam nossa forma de ver, interpelar, explicar e compreender o mundo, fazendo com que o homem, nas suas produções coletivas, adapte-se ao mundo e adapte este para si. Complementando tal pensamento, Cramer, Neto e Silva (2002, p. 29-30) colocam que “[...] a cultura é a base para a percepção de como as representações sociais são construídas e usadas para reforçar e instrumentalizar

o poder dentro das organizações”.

Segundo Jovchelovitch (1995) e Minayo (1995), as representações socioculturais podem assumir diferentes formas, como é o caso das palavras presentes em um diálogo, devendo ser estudadas a partir de estruturas e comportamentos sociais, uma vez que refletem as percepções do grupo social a que pertencem, justificando-se conforme seus interesses específicos. Sendo assim, podemos enquadrar nesta situação os professores com os quais realizamos as entrevistas a fim de identificar os alunos com características de altas habilidades/superdotação. Nas suas falas, como mediadores do processo de ensino-aprendizagem desses alunos, verificamos que, por vezes, suas representações socioculturais funcionam como

[...] uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um modo que, embora pertença a todos, transcende cada um individualmente [...] elas não apenas surgem através de mediações sociais, mas tornam-se, elas próprias, mediações sociais. E enquanto mediação social, elas expressam por excelência o espaço do sujeito na relação com a alteridade, lutando para interpretar, entender e construir o mundo (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 81).

Bourdieu (1983) elucida que a nossa história e as representações socioculturais influenciam o conteúdo que estamos interpretando e, consequentemente, muitas vezes determinam as construções de sentido que efetivamos. Tendo isso em vista, percebemos que as representações socioculturais sobre gênero apresentadas pelos professores podem trazer implicações à compreensão dos dados para a identificação ou não de alunos com características de altas habilidades/superdotação.

Cramer, Neto e Silva (2002) observam que as relações entre os gêneros devem ser analisadas como processos simbólicos socialmente construídos;

em outras palavras, podem ser entendidas como representações socioculturais. Corroborando com essa afirmação, Meyer (1998) afirma que homens e mulheres são categorias socialmente construídas.

Nesse contexto, trazemos os estudos de Louro (2001, 2003), Freitas e Halman (2006) e Britzman (1996), salientando que as representações sociais relativas a gêneros masculino e feminino são influenciadas pelo histórico do discurso e pelos papéis anteriormente representados na sociedade, que continuam padronizando um modo único e adequado do que é o masculino e o feminino. Logo, isso pode ter consequência, dentre outras, uma interferência na manifestação e interpretação por outrem das diferentes inteligências que cada pessoa expressa de maneira singular, ainda mais, sobre aquelas com um potencial superior, por vezes, determinando o aproveitamento com qualidade, ou não, deste potencial.

Um material publicado pelo Ministério da Educação em 2003, “Educar na Diversidade”, traz que “práticas reprodutoras de estereótipos vinculados aos papéis femininos e masculinos na vida cotidiana condicionam, a partir do ambiente familiar e escolar, os valores e direitos que regem a vida das crianças” (BRASIL, 2003, p. 63). Assim, quando os alunos não obedecem ou seguem esses modelos preestabelecidos estão sujeitos a sofrer discriminações.

Partindo dos referenciais teóricos, que deram orientação e embasamento pertinentes a este trabalho, faremos uma análise de trechos de falas apresentadas por professores sobre alguns de seus alunos com características de altas habilidades/superdotação durante a realização da entrevista prevista no processo de identificação. Traremos, então, uma discussão sobre as representações socioculturais presentes nessas falas acerca da relação entre gênero e altas habilidades/superdotação.

Os trechos de entrevistas esco-

lhidos, relativos ao processo de pesquisa realizado em uma escola pública de Santa Maria, em 2009, foram:

Esta aluna é muito carinhosa, afetiva, é gordinha, um amor dentro da sala de aula, mas não vejo nada de habilidade. É muito prestativa, possui qualidades no relacionamento com as pessoas. (Professora do 4º ano sobre ALUNA)

É esperto e talentoso, tem facilidade em entender e faz exemplificações elaboradas, mas é agressivo, quer saber mais que os outros, é “exibido”. (Professora do 4º ano sobre ALUNO)

Os trechos escolhidos referentes ao ano de 2008, de outra escola pública de Santa Maria foram:

Excelente aluna, bem comportada, se dá bem com os colegas e com a professora. É estimulada em casa, tem computador e diversas fontes. Tem facilidade em aprender novos conteúdos. Em sala, é persistente e se demora a assimilar um conteúdo chega a chorar. Acerta quase tudo nas atividades propostas. (Professora do 4º ano sobre ALUNA)

É muito inteligente, e não copia os conteúdos transmitidos em sala de aula. É muito atento nos assuntos que lhe interessam, aprende com facilidade, e é agitado. Gosta de conversar e bagunçar. Sabe tudo, é participativo, comunicativo e curioso. Gosta de brigar com os colegas. Vai bem nas provas aplicadas, sempre cria brincadeiras em casa e o leva para a escola. (Professora 4º ano sobre ALUNO)

Iniciando a discussão dos trechos, gostaríamos de mencionar a dificuldade que percebemos nos professores em colocar somente informações a respeito das capacidades dos alunos, sobre o seu processo de ensino-aprendizagem e sobre características relevantes para o processo de identificação das altas habilidades/superdotação. Acaba-

vam sempre fazendo uma ressalva que indica “possui um potencial superior, mas...”.

Considerando as múltiplas faces que a inteligência pode assumir e a diversidade de características que as altas habilidades/superdotação englobam, questionamo-nos sobre o fato de que o comportamento dos meninos é tido como mau na fala dos professores, o que aponta para uma possível representação sociocultural: meninos “naturalmente” são inquietos, agitados, bagunceiros e conversadores. Analisando este comportamento por outro viés, entendemos que ele pode estar relacionado à manifestação das altas habilidades/superdotação com domínio específico em uma das muitas inteligências, como, por exemplo, a inteligência cinestésico-corporal (GARDNER, 1995), em que a criança se expressa com maior destreza e intensidade através de expressões corporais, ou ainda, a inteligência interpessoal, em que o potencial superior é demonstrado através da facilidade para coordenar, liderar ou organizar grupos.

Quanto à fala dos professores em relação às meninas, que são consideradas “organizadas, persistentes, carinhosas e comportadas”, em um primeiro momento, talvez indiquem que isso, isoladamente, não pode ser considerado um indicador da presença de altas habilidades/superdotação. Porém, se retomarmos o fator envolvimento com a tarefa como uma das características das pessoas com altas habilidades/superdotação (REZZULLI, 2004), possivelmente encontraremos indícios na fala dos professores que promovam a indicação destas alunas para a identificação das altas habilidades/superdotação.

Também verificamos, nas falas dos professores, uma desvalorização da inteligência interpessoal (GARDNER, 1995) como uma das áreas que podem se destacar nas pessoas com altas habilidades/superdotação. São apontadas a facilidade para relacionar-se e, em uma das meninas, a capacidade de ser pres-

tativa como particularidades sem relevância, talvez porque esse tipo de comportamento é esperado por parte dos professores devido às representações socioculturais que assumem quanto ao gênero feminino.

Uma das necessidades de qualificação do conhecimento e reconhecimento dos professores sobre os seus alunos está relacionada à identificação da diversidade da inteligência, pois, segundo Senra et al. (2008, p. 53), “as pessoas têm forças cognitivas diferenciadas e estilos de vidas contrastantes”. Assim sendo, é importante ter a sensibilidade pertinente para o fato de que as pessoas possuem diferentes personalidades, valores e manifestações dos potenciais, bem como diferentes modos de ver e agir sobre o mundo. Estes são alguns dos componentes que podem nos caracterizar e independem do nosso gênero, devendo ser analisados sem implicações das representações socioculturais, que, por vezes, irão explicá-los equivocadamente.

As percepções equivocadas sobre a caracterização e singularidade dos sujeitos podem interferir na identificação das pessoas com altas habilidades/superdotação, acontecendo um mascaramento das suas características em detrimento da influência de representações socioculturais de gênero, apresentadas pelos agentes que mais são acessados durante este processo: os professores. “Na escola prossegue-se perpetuando a educação segregada, isto é, diferenciando o que é adequado para as meninas e o que é próprio para os meninos” (BRASIL, 2003, p. 65). Tal segregação vai além das representações socioculturais dos professores, pois implica diretamente a manifestação, ou não, das potencialidades em determinadas inteligências que se relacionariam com comportamentos, geralmente associados apenas ao gênero da pessoa.

As representações socioculturais sobre altas habilidades/superdotação em relação a gênero tendem a ter uma

maior influência sobre as meninas com esta característica, o que se deve à construção histórica de alguns determinantes quanto ao que se espera das ações de uma menina e que, por vezes, atrapalha e até impede que estas possam expressar e utilizar seu potencial superior. Isso é exemplificado por Reis (2002), ao colocar que o entendimento que a sociedade expõe de que a mulher precisa deixar de lado suas ambições em detrimento de exigências implicitamente impostas, como, por exemplo, ter uma família e cuidar dela, faz com que muitas meninas desistam de buscar meios para ampliar seu potencial, expressar sua alta habilidade/superdotação e fazer uso desta para crescer profissionalmente. A autora obtém tal conclusão através de estudo de casos que apontam para essa realidade.

Esse fato é preocupante já que nas colocações dos professores perceberemos o entendimento de que, se são ALUNAS, é natural que ajam da forma como colocam e que esses comportamentos são corretos e bons. Tais comportamentos podem ser motivados pelas exigências escolares ou pela educação familiar, os quais gerariam um bloqueio, caso isso exija uma quebra entre o que se quer e o que se espera que se faça, quando as alunas querem demonstrar seu potencial.

Poderíamos não termos nos detido na análise dessas impressões, pois, em fases posteriores do processo de identificação destes alunos, temos a oportunidade de conhecê-los pelas suas próprias explicações, o que possibilita perceber que muitas das colocações das professoras estão equivocadas e influenciadas pelas suas representações socioculturais, neste caso relacionadas a gênero. Porém, se essas impressões não ficarem bem claras para a equipe executora durante a entrevista, elas podem interferir na qualificação da atuação do projeto de pesquisa, uma vez que más interpretações podem gerar perdas imensas. Se a percepção adotada so-

bre uma das meninas, for a de que ela é simplesmente comportada, correremos o risco de esta aluna nunca saber que tem características de altas habilidades/superdotação, talvez contribuindo para um adormecimento desse potencial. Precisamos, portanto, distinguir na fala dos professores o que é simplesmente uma colocação relacionada às suas representações socioculturais sobre gênero e o que está implícito a fim de verificar o que há de significativo com relação a uma possível identificação do aluno com altas habilidades/superdotação.

Além disso, sabemos da existência de tantos fatos de exclusão e preconceito de pessoas em função do seu gênero, que nós, educadores especiais, estando comprometidos com a inclusão escolar, precisamos criar mecanismos em prol da não exclusão e sim da valorização da diversidade humana. Nesse sentido, não basta pensarmos em nosso alunado específico, ou seja, alunos com altas habilidades/superdotação, uma vez que estes nas suas singularidades já podem sofrer exclusão. Faz-se necessário que, se voltados para os princípios da inclusão, todos nas suas especificidades sejam valorizados e atendidos com qualidade pela escola (BRASIL 2003 e 2008).

Para complementar e detalhar a nossa atuação como projeto de pesquisa comprometido com a inclusão, trazemos uma citação que traduz nossas intenções:

O processo de implementação da Educação Inclusiva no contexto da educação brasileira tem proporcionado, a todos os envolvidos na questão, a possibilidade de transformar o sistema educacional e propor ações que responderão aos objetivos de uma prática educacional inclusivista, que leve em consideração a singularidade de cada aluno, reconhecendo suas diferenças, tendo a aprendizagem centrada em suas potencialidades, não eliminando as diferenças em favor de uma suposta igualdade.

Assim sendo, estas transformações do sistema educacional implicam

mudanças na prática pedagógica: identificar as necessidades educacionais especiais, definir e implementar respostas educativas a essas necessidades, desenvolver estratégias de flexibilização, adaptação curricular e práticas alternativas que promovam o avanço no processo de aprendizagem desses alunos (SENRA et al., 2008, p. 51-52).

Assim, intuímos como nosso dever estar desenvolvendo essas problematizações que envolvem as singularidades dos alunos com altas habilidades/superdotação para que, em seu processo de inclusão, não sofram com reflexos negativos de representações socioculturais, como é o caso dos relativos a gênero, que, por vezes, parecem-nos tão naturais. São, na verdade, influenciados pelo discurso histórico vigente na sociedade que nos induz a isso.

4 Considerações finais

Ao propormos a discussão de temáticas como altas habilidades/superdotação e gênero, assumimos um desafio, pois essas temáticas estão ligadas à reflexão sobre a diversidade humana que instiga pensar e avaliar quais são os conceitos preestabelecidos do nosso entendimento de diferença. Assim, analisando os conceitos relacionados aos saberes que demonstram o que são e como funcionam as representações socioculturais, bem como aquelas estritamente relacionadas a gênero, no contexto escolar, percebemos que, quando vamos inferir um juízo de valor, não importando qual é o objeto sobre o qual faremos isso, sofremos a influência daquilo que foi instituído através de concepções que apreendemos pela participação na sociedade e cultura na qual estamos inseridos.

Após essa contextualização, colocamos-nos a preocupação em apontar inferências equivocadas sobre alunos com características de altas habilidades/superdotação e as relações com o gênero.

ro, já que, sendo mal ou superficialmente interpretadas, podem comprometer a identificação destes sujeitos. No caso da análise da atuação do projeto de pesquisa “Da identificação à orientação de sujeitos com características de altas habilidades/superdotação”, temos as concepções dos professores sobre seus alunos, dados que são fundamentais para o processo de identificação. Como consequência disso, podemos não reconhecer um potencial que poderia estar sendo explorado, ampliado e qualificado pelos alunos, gerando benefícios para estes e para a sociedade.

Voltando nosso olhar para as meninas, constatamos que este problema amplia-se, já que muitas das representações socioculturais relativas a elas têm um caráter de passividade e adequação ao que a sociedade espera. Nesse sentido, acreditamos que os educadores, especialmente aqueles que trabalham no âmbito da Educação Especial, como é o nosso caso, precisam ter o comprometimento com a difusão do princípio da inclusão, que prevê a apreciação da diversidade independentemente do gênero, de altas habilidades/superdotação ou ainda de outras singularidades. Tal ação deve ser feita para que cada vez mais os alunos sintam-se respeitados e valorizados, bem como atendidos devidamente em relação às suas singularidades.

A discussão que realizamos neste artigo significou para nós o início de um caminho pensado sobre a relação altas habilidades/superdotação e gênero, pois aqui foram tratados aspectos que merecem um estudo mais aprofundado, pela riqueza de reflexões que essas temáticas nos sugerem e especialmente pela escassa produção em nosso país tratando do assunto.

Referências

1. BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
2. BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Educar na Diversidade**. Brasília: MEC/SEESP, 2003.
3. _____. **Diretrizes gerais para o atendimento educacional dos alunos portadores de Altas Habilidades/Superdotação e talentos**. Brasília, MEESC/SEESP, 1995.
4. _____. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
5. BORGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994.
6. BRITZMAN, D. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, 1996, p. 71-96, jan./jun.
7. CRAMER, L.; NETO, A. de P.; SILVA, A. L. A inserção do feminino no universo masculino: representações da educação superior. **Organizações & Sociedade**, v. 9, nº 24, p. 25-37, 2002.
8. DINIS, N. F. **Educação, relações de gênero e diversidade sexual**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302008000200009&lang=pt. Acesso em: 16-11-09.
9. GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: A teoria na prática**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1995.
10. _____. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
11. GUENTHER, Z. C. **Capacidade e Talentos: Um conceito de Inclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
12. GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006.
13. HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do

- nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, v. 22, n. 2, 1997.
14. HALMANN, A. L.; FREITAS, D. F. Representações sociais de pais sobre sexualidade. IN: **Orientação sexual: um trabalho para professores**. HALMANN, A. L.; FREITAS, D. F. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Grupo Internexus, 2006, p. 15-29.
15. JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. IN: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (org.). **Textos em representações sociais** (2nd ed., pp. 63-85). Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
16. LOURO, G. L. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. IN: COSTA, M.V. (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 85-92, 2001.
17. LOURO, G. L.; NECKEL, F. J.; GOELLNER, V. S. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
18. MEYER, D. E. E. A dúvida como postura intelectual: uma abordagem pós-estruturalista dos estudos de gênero na enfermagem. **Nursing** Edição Brasileira: p. 27-34, 1998.
19. MINAYO, M. C. S. de. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ªed. p. 89-111, 1995.
20. REIS, S. M. **Internal barriers, personal issues, and decisions faced by gifted and talented females**. Gifted Child Today Magazine. Disponível em: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0HRV/is_1_25/ai_82739891. Acesso em: 24/07/2004.
21. RENZULLI, J. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Revista Educação**. Tradução de Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1, p. 75 - 121, jan/abr. 2004.
22. SENRA, A. H. et. al. **Inclusão e Singularidades: um convite aos professores da escola regular**. Belo Horizonte: Scriptum, 2008.